

ENTREVISTA – ANDRÉ JOYAL

A RG&T tem o prazer de apresentar a entrevista com André Joyal (AJ), Professor da Universidade de Québec, Canadá. O tema central é desenvolvimento local. A entrevista foi realizada e editada pelo Professor do MPA, Domingos Giroletti (DG).¹

DG: O Sr é um especialista em Desenvolvimento Local e, especialmente, na criação de Pequenas e Médias Empresas (PMEs). É co-autor do livro “Desenvolvimento Local e o Papel das Pequenas e Médias Empresas”.² André, qual o propósito do livro?

AJ: A primeira versão do livro foi publicada em francês há dois anos atrás por uma editora de Québec. O livro em português foi publicado em parceria com Dante P. Martinelli, professor da USP, Ribeirão Preto. A versão francesa do livro foi traduzida para o português com acréscimos de muitos exemplos brasileiros de desenvolvimento local. O livro ainda inclui um capítulo inteiro escrito pelo co-autor e, no final, publicamos uma pesquisa, realizada pelos autores há dois anos atrás, sobre PMES no estado de São Paulo, comparando-as com as PMES da região da minha Universidade que se chama Université de Québec a Trois Rivières.

DG: Como que está estruturado o livro, Professor?

AJ: Em primeiro lugar, o livro começa definindo os conceitos com base da literatura francesa, inglesa e brasileira. Assim procuramos definir: o que é Local e Desenvolvimento Local; qual a participação da população, da sociedade civil e dos recursos humanos e dos financeiros; quais os espaços econômicos especiais, seja um bairro de uma grande cidade ou um conjunto de vilarejos, onde a população aceita trabalhar junto a fim de desenvolver uma nova visão do futuro. A literatura francesa foi revista quando de minha viagem à França, quando pude ler e conhecer livros, experiências e documentos franceses sobre o desenvolvimento local.

Quanto à literatura e aos exemplos brasileiros, tomei conhecimento nas minhas viagens ao Brasil que realizo duas vezes por ano desde 1992. Nele, descrevemos exemplos do Sul, São Paulo, Minas e do Nordeste. Todas as informações foram apresentadas em vários capítulos bem como os principais resultados da pesquisa sobre as PMES, a fim de comparar as amostras, brasileira e quebequense.

DG: Como o Sr. concebe o Desenvolvimento Local? Como ele é definido modernamente?

AJ: Para defini-lo, vamos utilizar algumas palavras chaves. Parceria supõe a intervenção da população local, suas lideranças, as forças vivas e os vários atores locais. Podemos pensar, ainda, nos políticos locais, nos representantes da câmara do comércio, do mundo da educação (Institutos de ensino superior e Universidades) das empresas, sejam grandes empresas ou pequenas e médias (PMES). Por fim, os representantes de vários órgãos que se envolvam na economia ou no desenvolvimento social, porque “desenvolvimento local” tem uma conotação social, tem objetivos sociais, além dos econômicos. Esta abordagem foi utilizada, pela primeira vez, no início dos anos 80 na França e no Canadá. Nesta abordagem, o papel do estado é muito importante.

Nos Estados Unidos, todavia, essa abordagem é a menos utilizada porque lá a situação é diferente. Lá, se tomarmos os republicanos como exemplo, o melhor governo para eles é o governo que não governa, o que não faz nada. Para eles, a participação e a presença do Estado não existem e, portanto, não contam.

Na nossa abordagem de desenvolvimento local a participação do governo é fundamental em qualquer nível, seja ele federal, estadual (provincial) ou municipal, especialmente em países como o Canadá e o Brasil, organizados como federação. Temos no Canadá províncias e governos provinciais como o do Québec. No Brasil temos os governos estaduais, além dos municipais. Assim, todos os níveis de governo são atores com um papel importante no desenvolvimento local. O Estado tem o papel importante, mas não pode ser superdimensionado. O Estado é um ator local como os outros. Cada um

tem as suas responsabilidades e o conjunto destas responsabilidades é que permite desenvolver ou imaginar uma estratégia diferente de desenvolvimento para o futuro.

DG: Como o Sr. articula “Desenvolvimento Local” e “Desenvolvimento Nacional”?

AJ: Bom, o desenvolvimento local faz parte, é claro, das grandes políticas, sejam as humanitárias ou as políticas macroeconômicas permanentes que os governos nacionais gostam muito de usar, a fim de controlar a economia nacional. Elas sempre existiram, embora, hoje, por causa da globalização, a eficácia dessas políticas nacionais permanentes não é mais a mesma do que foi no passado. Sabemos que só com a nova abordagem, iniciou-se um processo de descentralização do desenvolvimento. Quando pensamos em descentralização no Canadá, pensamos em entregar mais poderes para as províncias. Há um debate permanente no Canadá a respeito disso e ele vem acontecendo, com mais frequência, no Brasil.

Nós pensamos mais nos poderes dos governos locais e a partir de várias fontes de apoio da comunidade porque deles devem provir os novos líderes pela reunião dos vários atores locais para imaginar uma nova visão do desenvolvimento, visando diversificar a economia ou enfrentar os desafios da comunidade. Precisamos pensar a diversificação das economias tanto no Canadá e no Brasil num raio de 100 kms. porque neste âmbito será mais fácil planejar e envolver as pessoas para enfrentar seus problemas e desafios.

O Brasil não pode confiar apenas em seus recursos naturais e o mesmo vale para o Canadá. O Canadá e o Brasil têm muitas coisas em comum. Ambos são países muito grandes e são organizados, como disse, em federação. Claro, há diferenças: a população do Canadá é muito menor, nosso clima é muito diferente e nossa história também, mas a estrutura das economias é muito semelhante. Não é surpresa que, hoje em dia, tenhamos novos setores de atividades e a Embraer e a Bombardier são dois bons exemplos dessa nova economia, mas quando pensamos em Bombardier ou Embraer não pensamos em

desenvolvimento local, mas em desenvolvimento nacional. Por outro lado, as duas grandes empresas e outras podem contribuir ou mesmo apoiar com recursos humanos e outros o desenvolvimento de um espaço limitado, onde se pretende iniciar um processo de desenvolvimento local. Elas podem estimular iniciativas que se desenvolvem num espaço geográfico mais limitado.

DG: Quando o Sr. fala em Desenvolvimento Local, estaria pensando necessariamente em Arranjos Produtivos Locais (APLs) ou não?

AJ: De uma certa forma é impossível separar as duas perspectivas. No livro - Desenvolvimento Local - tem um capítulo sobre os APLs, porque é quase impossível não pensar nisso. No livro, nós utilizamos um exemplo brasileiro para chamar a atenção sobre o que é, às vezes, uma visão exagerada sobre o papel, a responsabilidade ou a importância do APL. Nele, fizemos a revisão do famoso APL do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, a região de Novo Hamburgo, onde eu fui três vezes. Lá o desenvolvimento local não pode basear-se apenas no APL da indústria calçadista porque calçados e artefatos de couro são atividades do Século 20.

As lideranças dessa região estão procurando novas possibilidades de diversificar a economia. Estão pensando nas novas tecnologias e em inovações que podem contar para o futuro próximo ou ser adaptadas no seu contexto regional. Vários líderes locais já viajaram três vezes para Québec, com nossa ajuda, com o propósito de buscar diversificar a economia, à procura de PMES inovadoras que possam somar-se ao APL já existente. Quando eles puderem, com base nos recursos humanos e as potencialidades locais, eles irão libertar-se da dependência do APL calçadista.

Com isto, não quero dizer que a importância que o Brasil dedica, atualmente, aos APLs não seja boa. A experiência ou a implementação de APLs no país é sempre uma alternativa útil quando podemos identificar a dinâmica local e as inter-relações com os vários atores locais a fim de promover o desenvolvimento local. No entanto, onde um APL já existe, deve-se pensar a continuidade do progresso

pela diversificação da economia, levando-se em conta os novos desafios do Século 21 sem que tenhamos os olhos fixos no passado.

DG: Em resumo, o Sr. quer dizer que promover Arranjos Produtivos Locais para algumas regiões pode significar um avanço e uma solução. Para outras, onde eles já estão instalados precisa-se pensar na diversificação da economia.

Gostaria de colocar, agora, uma outra questão. Num mundo globalizado onde se fala tanto em interdependência, ainda faz sentido falar em Desenvolvimento Local?

AJ: Podemos, às vezes, a fim de simplificar as coisas, dividir os economistas em dois grupos. No primeiro, estão os economistas que não acreditam na abordagem do desenvolvimento local e, para tanto, alegam a globalização e, com ela, a incapacidade de controlar o valor da moeda e os fluxos de capitais. Citam, como maiores lições, os exemplos de Nova Iorque, Paris, Londres, que não podem servir de referência para o Norte de Minas.

Incluo-me no segundo grupo que acredita que é possível promover o desenvolvimento local. Vou abordar isto com exemplos. Estava, há pouco tempo, no Norte de Minas pensando como se poderia imaginar o desenvolvimento de Montes Claros ou de outras pequenas cidades da região. Se utilizar a abordagem da globalização não será possível por ela iniciar um processo de desenvolvimento local. Pensar apenas pela ótica da globalização irá tornar-nos totalmente dependentes de um poder de decisão que está fora do nosso país. Será um poder de decisão internacional: das multinacionais ou dos grandes governos estrangeiros, como o governo dos EUA.

Felizmente, hoje, graças às possibilidades das novas tecnologias, a informação viaja na velocidade da luz. Vou utilizar um exemplo. Há alguns anos atrás, com a colaboração do meu colega Martinelli [professor e pesquisador], fomos para Vilhena, Rondônia, com o objetivo de organizar um seminário

sobre desenvolvimento local. Lá, pude discutir com alguns atores com o propósito de convencê-los que eles não viviam tão isoladas assim e que, por isto, eles poderiam produzir produtos de valor agregado ou serviços, como softwares e outros. Mais, eles poderiam vender estes produtos ou serviços em qualquer lugar do mundo, sem que o custo de frete os inviabilizasse porque são produtos ou serviços que podem ser exportados para o mundo todo.

Numa outra ocasião, estava em Aracaju discutindo alternativas de desenvolvimento local com colegas do Sebrae e de vários outros órgãos. Nessas discussões, sempre chamo atenção das forças vivas da região onde a taxa de pobreza é muito alta para as novas possibilidades de desenvolvimento. Sempre destaco que, mesmo para as regiões mais pobres e afastadas, há sempre novas alternativas de desenvolvimento quer estejam no Brasil, no Canadá ou em qualquer outro país. Há, hoje, tecnologias que não existiam há 20 ou 30 anos atrás e estas novas inovações podem ser implementadas, criando novas oportunidades de emprego ou trabalho para a população local, especialmente para os mais jovens.

Com isto, quero dizer que, apesar da globalização, podemos controlar até certo ponto algumas variáveis e seria uma pena não controlá-las, pelo menos as que pudermos controlar. É necessário saber o que podemos controlar. É necessário ter a vontade de iniciar uma coisa nova. Ainda, com relação ao desenvolvimento, costumo dizer, a pior decisão é a de não fazer nada, é a de cruzar os braços... Na verdade, é isto que os economistas neoliberais costumam dizer, quando afirmam:.. “vocês só podem levar em conta e depender somente do mecanismo do mercado”. Contra o pensamento dos neoliberais, será preciso reafirmar que a abordagem do desenvolvimento local utiliza, também, o mercado a seu favor e à procura de novas oportunidades... Por isto, as lideranças dos vários setores locais têm um papel e uma responsabilidade imprescindíveis, levar em conta o caos do mercado e iniciar projetos inovadores em qualquer lugar que se esteja, transformando ameaças em oportunidades.

DG: Gostaria de entrar em uma outra questão, há diferenças em promover o desenvolvimento em comunidades urbanas ou rurais?

AJ: A partir da experiência Canadense de Québec e de Klaus..... na França, o desenvolvimento local parece ser uma abordagem mais fácil de iniciar, de utilizar num ambiente rural, onde a população se conhece, onde é mais fácil de identificar um sentido de pertencimento, onde é mais fácil reunir responsabilidades. Sabemos que nas grandes cidades, como em Belo Horizonte (e, claro, São Paulo é o pior exemplo por ser uma megalópole), é muito mais difícil porque nas grandes cidades as populações são mais individualistas. No entanto, a partir de novas iniciativas e do que podemos aproveitar das primeiras experiências rurais de Montreal ou do subúrbio de Paris, poderá ser aplicado, com adaptações, em Chicago ou Detroit nos EUA.

Um outro exemplo é o Projeto Viva Rio na Rocinha no Rio de Janeiro, onde fui três vezes. Pela minha experiência, afirmo que é possível utilizar a abordagem do desenvolvimento local quando se pode identificar um bairro (ou parte de um bairro) desde que a comunidade aceite sentar-se e unir as forças locais. É um desafio identificar estas forças numa grande cidade. É muito mais fácil num contexto e ambiente rural, é claro. Além disso, devemos levar em conta a inter-relação entre os vilarejos, entre as regiões rurais e as regiões urbanas. Costumamos dizer que pode haver oposição, mas, na verdade, todas as regiões têm interesse e vantagens em colaborar e em trocar informações.

Para ilustrar o que disse, podemos citar o exemplo de Montes Claros. Desenvolve-se lá uma iniciativa em vilarejos do município, que, aliás, se aproveitam do mercado da Cidade onde vendem seus produtos agrícolas, produzidos organicamente. O Sebrae é um dos líderes dessa iniciativa. Nele, pode-se ver uma inter-relação entre a cidade de Montes Claros e alguns vilarejos, onde pequenos produtores agrícolas, graças ao apoio do Sebrae, puderam achar um novo mercado e, com isto, melhorar sua renda e qualidade de vida.

DG: Qual é a relação entre Desenvolvimento Local e Pequenas e Médias Empresas no seu trabalho?

AJ: Na consideração deste problema, deve-se distinguir a situação atual da existente há 20 ou 30 anos atrás. No passado, a grande maioria das pequenas e médias empresas (se não todas) só podia levar em conta as suas próprias forças. Os empresários tinham que se virar sozinhos, arregaçar as mangas e utilizar os seus próprios recursos. Hoje em dia, há órgãos como o SEBRAE aqui no Brasil e outros similares no Canadá, França ou EUA que fornecem apoio sócio-econômico aos empreendedores; e diferentes tipos de apoio quando se tratam de novos empresários, por exemplo.

Atualmente, oriento uma aluna de Mestrado que está fazendo uma pesquisa para mostrar que há um comportamento e situações diferentes quando comparamos as PMES que foram criadas a partir dos anos 1990 com aquelas organizadas nos anos 60. É claro que estas PMES não puderam aproveitar os mesmos tipos de apoio, tecnologia ou fontes de informações que existem hoje ou passaram a ser disponíveis da década de 90 para cá. É, por isso, que sou otimista porque me parece mais fácil desenvolver PMES na atualidade, levando-se em conta a contribuição de vários atores e o uso de novas tecnologias. Para finalizar, lembro que há 20 ou 30 anos atrás a expressão, micro, nem existia. Hoje em dia, as micro-empresas são uma realidade em quase todos os países.

DG: E nessa estratégia de Desenvolvimento Local, são importantes, por exemplo, as Cooperativas?

AJ: As Cooperativas fazem parte dos atores locais. Cito no livro um exemplo excelente de uma estratégia bem sucedida de desenvolvimento local que eu pude observar no Brasil, bem melhor do que vi nos EUA, Canadá ou França. É uma experiência desenvolvida em Piraí que conheço desde 1997. A cidadezinha de 22.000 habitantes fica no norte do Rio de Janeiro. Lá foram gerados mil e quinhentos novos empregos graças às forças vivas locais. Tudo começou com a liderança do prefeito que arregaçou as mangas para resolver os problemas locais. A população solicitou um comitê de desenvolvimento local e dessa mobilização conseguiram criar mil novos empregos graças às PMEs em

menos de cinco anos. E quando fui lá no ano passado pela última vez, eles estavam preparando o segundo pequeno parque industrial porque o primeiro já estava lotado.

Em Piraí, por meio de novas PMES e da organização de novas cooperativas, eles puderam iniciar o que chamamos de uma estratégia integrada e sustentável de desenvolvimento. É, por isso, que falamos, de preferência, em desenvolvimento local integrado. E lá a integração foi possível por meio das cooperativas. Foram organizadas cooperativas de artesanato, piscicultura e outras.

DG: André, agradeço a entrevista e quero cumprimentá-lo pelo livro, que tive a oportunidade de ler. É um excelente livro. E pelo seu entusiasmo em acreditar que o desenvolvimento é possível, desde que as pessoas tenham iniciativa, criatividade e determinação para o trabalho.

¹ A Entrevista foi realizada pelo Apresentador do Programa – Opinião Minas, Domingos Giroletti, no dia 22 de novembro de 2004 nos estúdios da Rede Minas de Televisão em Belo Horizonte e foi ao ar no dia 3 de dezembro do mesmo ano das 8:00 às 8:30 horas. O professor André veio a Belo Horizonte a convite do Mestrado Profissional da Fundação Cultural Pedro Leopoldo. Agradecemos à nossa aluna do MPA, Simone Aparecida Pinto pela transcrição da fita. A versão final da entrevista, ora publicada, foi revista pelo Prof. André Joyal.

² MARTINELLI, D. P.; JOYAL, André. *Desenvolvimento local e o papel das pequenas e médias empresas*. São Paulo: Manole, 2003. 320 p..